

PENSO EM MEU PEQUENO FIM: A DOENÇA NA POESIA DE SEBASTIÃO UCHOA LEITE

I THINK ABOUT MY LITTLE END: ILLNESS IN SEBASTIÃO

UCHOA LEITE'S POETRY:

Leonardo Leal 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo

Partindo de uma reflexão inicial sobre alguns dos traços mais significativos da poética de Sebastião Uchoa Leite, ancorados em procedimentos desmetaforizantes, humorados e irônicos, este artigo volta-se à obra do autor para as investigar as figurações da doença em parte de sua obra poética. Através da análise de poemas publicados em *A uma incógnita* (1991) e *A ficção vida* (1993), examinam-se os procedimentos empregados por Uchoa Leite para formalizar a transposição de uma vivência íntima para o campo poético a partir da enfermidade e da corrosão corporal. O artigo identifica, ainda, possíveis disjunções entre poesia e vida no processo de ficcionalização do adoecimento do poeta.

Palavras-chave: Sebastião Uchoa Leite. Poesia brasileira contemporânea. Literatura e doença.

Abstract

Reflecting on some of the most significant aspects of Sebastião Uchoa Leite's poetry as a starting point, based on demetaphorizing, humorous and ironic procedures, this article turns to his poetic work to investigate its figurations of illness. By analyzing poems published in *A uma incógnita* (1991) and *A ficção vida* (1993), the study examines the poetic procedures used by Uchoa Leite in order to formalize the transposition of an intimate experience into poetry based on sickness and body corrosion. The article also identifies a possible disjunction between poetry and life in the process of fictionalizing the poet's illness.

Keywords: Sebastião Uchoa Leite; Brazilian Contemporary Poetry; Literature and Illness.

Resumen

A partir de una reflexión inicial sobre algunos de los rasgos más significativos de la poética de Sebastião Uchoa Leite, anclada en procedimientos desmetafóricos, humorísticos e irónicos, este artículo recurre a la obra del autor para investigar las figuraciones de la enfermedad en parte de su obra poética. A través del análisis de poemas publicados en *A uma incógnita* (1991) y *A ficção vida* (1993), se examinan los procedimientos utilizados por Uchoa Leite para formalizar la transposición al campo poético de una experiencia íntima basada en la enfermedad y la corrosión corporal. El artículo también identifica posibles disyunciones entre poesía y vida en el proceso de ficcionalización de la enfermedad del poeta.

Palabras-clave: Sebastião Uchoa Leite. Poesía brasileña contemporánea. Literatura y enfermedad.

Ainda que as temáticas da enfermidade e da proximidade do fim surjam na obra do poeta pernambucano Sebastião Uchoa Leite, com maior nitidez, em seus quatro últimos livros, a saber, *A uma incógnita* (1991), *A ficção vida* (1993), *A espreita* (2000) e *A regra secreta* (2002), bastaria recordar certos trechos de *Antilogia*, volume de 1979 em que adquire dicção amadurecida, para já encontrar vislumbres de reflexões acerca dos limites entre vida e morte — daí a dedicação, em diversos instantes, à prática do estilo tumular dos epitáfios. Desta feita, o conhecido autoepitáfio em formato de cruz ou de caixão parece uma chave, para entender a coexistência simultânea dos traços (auto)irônicos e dos episódios de percepção da morte, tal como se manifestava em Sebastião:

aqui jaz
para o seu deleite
sebastião
uchoa
leite

(2015, p. 118)

Acostumado ao tom melancólico e meditativo convencionalmente imbricado à temática da morte, o leitor é, de saída, surpreendido pela utilização do humor perfurante e da linguagem irônica como canal para resolver-se com a questão. Salta do poema a premência por entrever a inscrição na lápide daquele que “aqui jaz”, isto é, do autor-personagem, por via de uma perspectiva mais específica, em que a derrisão e a ironia costumeiras de Uchoa Leite podem se manifestar nesse emblemático “deleite”. O próprio jogo sonoro do texto enseja esse processo: o nome do poeta, uma vez tornado rima, afiança e acompanha a voltagem sarcástica impregnada na produção do pernambucano. Com isso, se é possível seguir o rastro de uma voz lírica que trata da própria morte, é para esbarrar, logo em seguida, em uma atitude existencial marcadamente irônica e cômica, capaz de prenunciar, como veremos, as relações mais tarde estabelecidas entre poesia e escoamento da vida em face da atuação ameaçadora da doença.

Sem concessões às fórmulas literárias já solidificadas e ao lirismo carcomido, Uchoa Leite expande, aos nossos olhos, sua consciência e sua estridência agressivas também aos tópicos comumente associados a dimensões trágicas. Num sentido mais largo, não há tema ou discussão imune às injeções de humor, de coloquialismo e de sarcasmo manuseadas pelo poeta, haja vista

que, como pretendemos demonstrar, o espírito mórbido e a expectativa da morte, tanto na composição de seus epitáfios, quanto nos versos dos últimos livros, são atraídos, feito um vórtice, para o interior dos poemas e reinterpretados através de seu modo característico de expressão. Se há frequentes imagens de declínio do elemento vital na poesia de Sebastião, ela não prescinde, todavia, do descarte de todo o sentimentalismo altissonante e metafórico; ao contrário, trabalha nessa paisagem a manutenção de sua postura contrária às efusões transcendentais e melancólicas.

Reconstituídos, em parte, os movimentos de incorporação da doença e de encenação da morte na obra do poeta, é o momento de tomar algum recuo para discutirmos certos estudos responsáveis por investigar as variadas maneiras de participação da enfermidade na literatura. Ater-se a um eixo que cruze o texto literário como um meio privilegiado de observação escrupulosa dos dados patológicos e dos estados físicos ali representados. Tal o método com frequência mobilizado e, no fundo, pretendido por algumas das leituras antropológicas, culturais e sociológicas de narrativas e de poemas que introduzem experiências de adoecimento. Não é de estranhar, por exemplo, o argumento exposto por François Laplantine em *Antropologia da doença* (2004), o qual, sob o ângulo da interdisciplinaridade, se arrisca na tentativa de assimilar a veracidade das noções biomédicas e as suas especificidades na literatura — entendida aí como *corpus*, anotação documental ou fonte de acesso a informações.

A leitura antropológica que Laplantine pretende realizar acerca da ficcionalização da doença encaminha-nos, nessa linha de raciocínio, para uma análise que descarrila na restrição dos ângulos interpretativos. Mesmo que o estudioso não compreenda o texto literário como “mera reprodução de ideias médicas de uma dada época” ou como retomada “do que é dito, pensado e executado sob forma médica” (2004, p. 25), a pesquisa desenvolvida parece circunscrever as obras ficcionais à exemplificação e à justificativa de modelos etológico-terapêuticos¹. Vejamos parte de sua argumentação:

Também podemos falar de uma verdadeira contribuição do texto literário à medicina, não evidentemente sob a forma de biomedicina, mas de auto-observação (se o próprio escritor estiver doente) e da observação de outrem (os doentes e também os médicos). Esse ponto de vista do observador (e particularmente do observador que sofre de um sintoma) e essa faculdade de exprimir com palavras, com efeito, constituem (...) não apenas uma autêntica

¹ Valendo-se de textos da área médica e da história da medicina, de depoimentos de médicos e de pacientes e de obras literárias, Laplantine propõe um conjunto de modelos, os quais, conforme elucida, são “hipóteses de pesquisa” ou, noutras palavras, “construções teóricas” (2004, p. 34), a exemplo dos modelos relacional e ontológico, defensores, respectivamente, da caracterização de agentes estranhos e indesejáveis como causa do adoecimento e da percepção das doenças como disfunções internas do organismo. Entre as aproximadamente quatrocentas obras estudadas, destacam-se produções de Franz Kafka, Marcel Proust, Albert Camus e Katherine Mansfield.

fonte de conhecimento, mas também, em nossa opinião, de conhecimento científico (p. 24).

Sob o pano de fundo do rigor da ciência e das descrições, os termos com que o antropólogo tentou abordar as narrativas em que afecções patológicas são delineadas sinalizam a dificuldade para localizá-las como escritos trespassados pela complexidade e pela minúcia estética exigidas à produção de literatura. Ao figurar o modo de conhecimento da doença e de seus desdobramentos como centro de análise, tanto Laplantine, em específico, quanto outras várias vertentes de estudos, as quais não caberia aqui destrinchar, praticam por vezes uma noção simplista e unívoca do texto literário, despreocupada com os múltiplos elementos, procedimentos e sentidos possíveis e com os singulares efeitos de impressão provocados por determinada produção. Por isso, aceitamos a análise, sublinhada por Viviana Bosi na leitura de certos poetas contemporâneos, de que não se deve “conduzir a leitura dos poemas a uma única posição, a qual comprimiria ou os ancoraria em local reduzido, sendo que sua condição de literatura permite que firam várias camadas existenciais e históricas” (2021, p. 277) sem, contudo, esgotar nem de longe as suas possibilidades de alargamento e de significação.

Em nome dos caminhos que conduzem à largueza de vistas, antídoto contra qualquer forma de limitação crítica, o que se espera de um olhar atento à encenação poética da doença não é a redutora identificação das minúcias médicas e a sua realocação em modelos, mas antes a percepção do funcionamento de uma linguagem que organiza sensações e sentimentos, segundo uma lógica distinta, furtiva e transfigurada, guardando exemplos de ambiguidades, incertezas e de tudo aquilo que passa incólume à visão clínica aparente. Nesse contexto, intentamos pensar a infiltração do adoecimento na poesia de Uchoa Leite, no dizer de Franklin Alves Dassie, como experiência do “*estar doente* antes da doença em si” (2011, p. 59, grifos do autor), realçando, assim, a doença como estado subjetivo. O que se deve averiguar, portanto, é um texto que desmonta significações facilitadas e vive através das incessantes torrentes de tensões e de potencializações de sentido, que pressionam, em níveis e em consequências tão diversos, para vir à tona.

Os leitores de Uchoa Leite têm à sua volta, de *A uma incógnita* em diante, a exposição drástica do lugar estreito em que o sujeito-doente está confinado, o qual, de início, se irradia nesta poética por alusões a quedas bruscas, interrupções repentinas, sustos e sobressaltos. O poeta, entretanto, recusa-se a enxergar essas imagens e suas ressonâncias emotivas pelo crivo sentimental ou transcendente; a meditação dramática sobre a doença cede espaço preferencial para a resistência do recorte humorístico, sarcástico e irônico e para a atenção objetiva perante as experiências de sofrimento.

Na terra árida e corrosiva, onde habita o doente de Sebastião, tudo parece voltar-se para a progressiva e pungente investigação de sua nova e ameaçadora condição física. De *A uma incógnita*, livro que ora destacamos, a percepção do corpo em deterioração, esvaziado da sensação de regularidade, afigura-se algo dolorosa em “Insônia respiratória”:

Antes nunca
Ouvira o invisível
Do respirar: não
Ouvia nada
Só o silêncio dos órgãos
Mas o segredo da vida
Era isso
Quando ninguém
Se lembra do corpo
Que de fato
É feito da mesma matéria
Do sono
(2015, p. 252)

Assiste-se, aqui, a uma voz poética que parece tatear em torno de algo antes inadvertido e condicionado à rotina, a saber, a vivência sensível do corpo e de suas funcionalidades. Como se um corte profundo se houvesse operado entre o sujeito e as suas percepções habituais, a deterioração física desvela, com impiedosa lente de aumento, as complicações do corpo, colocando-o à prova. No íntimo do eu lírico, a sensação dificultosa da doença deixa um sulco intenso e irreversível, tal como um maquinário falho ou defeituoso. Silêncios costumeiros, cadências harmoniosas e respirações regulares — todos exauridos ou debilitados pelo andamento de dissolução e da vida em queda.

Na fronteira entre a poesia e a prosa, os versos, interligados pelo *enjambement*, chamam para si a função de discurso confessional, revelação do inapreensível. O rastro da doença, corrosivo tal qual ácido sulfúrico, substitui o “silêncio dos órgãos”, pois vivencia-se, nesse ponto, uma experiência traumática que desemboca numa nova dinâmica de impressões. Diante das primeiras linhas deste poema, impossível não lembrar, como alerta Friedrich Frosch (2014), de um dos *Sonetos de Orfeu* rilkeanos². Enquanto o poeta

2 Trata-se de “Respira, tu, invisível poema”. Na tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback: “Respira, tu, invisível poema! / Continuamente cercando o próprio ser/ Puro espaço de mundo. Estratagema/ onde eu ritmicamente sou um acontecer. / Onda única, o seu dar/ Em mar devagar eu sou;/ o mais contido tu de todos os possíveis mares, – / Um ganho que espaçou. / Quantos desses lugares de espaços já estavam

austríaco vê no ato poético algo vivo, semelhante à respiração, Uchoa Leite atualiza a dimensão do respirar invisível, posto que a constatação das sequelas provocadas pela doença passa a extrapolar o silêncio prévio a que o eu lírico acostumara-se. Mais: essa condição de debilidade, uma vez introduzida no texto, não se revela indiferente à grande presença de efeitos físicos; antes, prefere traduzir o adoecimento por sensações e pressentimentos ruidosos e inquietantes.

Os cinco primeiros versos do poema podem ser agrupados em um único conjunto significativo, uma vez que eles se voltam para um período de vitalidade, anterior à experimentação do sofrimento. Ao seguir das linhas, no entanto, desenrola-se um movimento divergente — enfatizado pela conjunção adversativa — e emerge a compreensão do “segredo da vida”, talvez um aceno à incógnita do título da obra: a lembrança do corpo material, de seu funcionamento e de sua constituição. É como se a aporia e o estreitamento da vida devolvessem a voz que nos fala ao discernimento agudo não apenas de sua profundidade interior, como também de sua sensibilidade física, instando-a a sentir, pensar e observar. Ao final, a absorção de enunciados alheios ressurgem como estratégia estética, produzindo, na associação entre o “sono” e a substância corporal, diálogos com o Shakespeare de *The Tempest*: “We are such stuff/ As dreams are made on; and our little life/ Is rounded with a sleep” (1961, p. 69)³. Como resultado da normalidade esfacelada, o sujeito dá forma poética ao desdobrar da própria consciência e, com isso, estimula o cara a cara com as agruras da doença.

Assim fazendo, Sebastião Uchoa Leite estará seguindo contra a corrente responsável por visualizar o silêncio como fenômeno imanente ao estado saudável e equilibrado. Noutras palavras, a orientação assumida pelo poeta, tão fora do antagonismo convencional entre saúde e doença, quer devassar o entendimento de enfermidade como alteração ou desvio da saúde do indivíduo. A análise realizada por Franklin Alves Dassie, acerca dos sentidos específicos que revestem o tratamento da doença em Uchoa Leite, encarece traços análogos, acrescentando a percepção de que mais proveitoso seria conceber a doença “como algo que está inscrito no estado de saúde e, portanto, na vida” (2010, p. 71-72). É preciso constatar, por isso, que a concepção poética aqui engendrada leva à possibilidade de instalar uma outra forma de relação com a situação e com as significações do adoecimento.

ali/ dentro de mim. Alguns ventos/ são como meu filho. / Me reconheces, tu, ar, ainda cheio de meus antigos ermos? / Tu, uma vez lisa casca de eventos/ Redondeza e folha de meus termos.”

3 Na tradução de José Francisco Botelho, lê-se: “Nós somos da matéria de que é feito o sonho, / E nossa diminuta vida é circundada/ Por um adormecer.” Cf. SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

Compreender a doença como parte da natureza e como experiência inscrita na saúde do corpo, transformado então em território de convivência entre ambos, não se afasta muito das questões de que se ocupou reiteradamente Susan Sontag em *Doença como metáfora* (2007), obra na qual investiga as circunstâncias políticas e morais que acabam por trespassar as enfermidades centrais do mundo moderno. Na tentativa de transportar sumariamente algumas afirmações e problematizações da ensaísta norte-americana para o caso de Uchoa Leite, salientamos o argumento de que as atitudes em relação à doença são tolhidas pela roupagem metafórica e pelas camadas oleosas de palavrório a ela impostas. Ou, como adverte a autora:

Minha tese é que a doença não é uma metáfora e que a maneira mais fidedigna de encarar a doença — e a maneira mais saudável de estar doente — é aquela mais expurgada do pensamento metafórico e mais resistente a ele. Porém é quase impossível fixar residência no reino dos doentes sem ter sido previamente influenciado pelas metáforas lúgubres com que esse reino foi pintado (p. 11).

E por aí segue, firmando um raciocínio que procura retificar e elucidar o conceito de doença, libertando-o do jugo dos mitos pré-científicos e das metáforas sentimentais, ensinando a ver além. Ora, também o texto do pernambucano, e nisto parece residir uma das peculiaridades distintivas de seus versos, vai insurgir-se contra a dramatização da enfermidade e contra acentos trágicos, valores por ele não reconhecidos. Nesse panorama, o impulso, entre outros aspectos, para a ironia perfurante e para a elocução coloquial e humorística demonstra essa mesma resistência em abordar a doença sob angulação lamentosa, atribuindo-lhe, na verdade, a posição de experiência-limite suscetível à investigação crítica.

Ao solicitar a atenção persistente, fincada na desmistificação do adoecimento, como *topos* de sua poesia — e dela extrair sua força criativa —, Uchoa Leite defende, na esteira de Sontag, a perturbação das noções costumeiras do estar doente, as quais, uma vez envoltas socialmente por uma aura de melancolia, merecem ser deslocadas do lugar que ocuparam e ainda ocupam. Não há exagero em dizer que a reflexão renitente acerca de seu estado físico e de sua caducidade, ainda que marcada pela acentuação contínua e penosa da doença, é agora o desafio imposto pelo poeta à sua escrita. À esquina dos versos que incorporam em seu interior o sujeito-enfermo, procuramos avistar uma voz observadora que carrega em sua embocadura a inquietação, a suspeita e a perplexidade daquele que, voltado à avaliação de si, promove uma espécie de autoespeculação constante de suas sensações e recordações, de seu corpo em decomposição — em suma, como referido por Duda Machado, de seu “modo terminal de estar no mundo” (2014, p. 30).

Algo da ordem do espanto e da análise já aparece figurativizado mesmo nos momentos em que o adoecimento é trazido à baila ainda como um lance sugestivo e incipiente. Em “Uma queda”, fica nítido o exame da desorientação vivenciada pelo eu lírico:

Acordo no taco
Atônito
Com a queda
O sono irreflexo
Fora do lugar
A marca no queixo
(Resvalado em quina:
Um *jab*)
Vê-se ao espelho
No fundo convexo
(2015, p. 254)

Num acordar súbito e atordoado, o sujeito, não sem espanto, procura assimilar os impactos físicos da pancada repentina, sinalizados, formalmente, tanto na reiteração aliterativa da oclusiva /t/ (“taco”, “atônito”) e /k/ (“queda”, “queixo”, “quina”) quanto no corte rápido. Nesse contexto, os versos dão a ver uma coleção de pequenas sequelas: a vacilação da postura, a sensação de instabilidade, de estar “fora do lugar”, o vestígio da queda deixado no queixo, tido como um “*jab*” típico das artes marciais, tal a força do golpe, tudo parece convergir para a sensação de incapacidade e para o declínio do corpo.

Lembra-nos, ainda, Franklin Alves Dassie que a encenação da queda se estende até a relação com os espaços, a qual “será definida mesmo a partir da imagem da incerteza” (2010, p. 73). Chamamos atenção para o modo como Sebastião passa a transcrever o fluxo de uma existência que se configura no limiar, repleta de assombros e incapaz de habitar o meio que o circunda e os lugares habituais segundo as expectativas da normalidade. É desse estado de inquietude, de sobressalto e de desconfiança, quer dos ambientes exteriores, quer de seu íntimo, que se espraia a autorreflexão elaborada pelo doente.

De volta ao poema, a verificação dos sinais físicos da queda, levada adiante, nas linhas finais, por um sujeito que enxerga sua debilitada fisionomia no “fundo convexo” do espelho, atua como indício da centralidade conferida ao olhar fixo e vigilante na poesia do pernambucano. Munido, como sintetiza Flora Süssekind, por uma “certa paixão pela mira” (1993, p. 305), o eu lírico de Uchoa Leite faz afundar suas pernas no arenoso e claustrofóbico processo de adoecimento, costurando, por meio da potência do olhar, uma postura

especulativa da condição a que foi submetido. Os vínculos entre a visão e as experiências subjetivas já estão descritos noutros poemas anteriores, como é o caso do “Vivo o/ Ver-me”, de “Em off” (*Cortes/Toques*), ecoando, novamente, o mote do eu lírico que especula sobre si mesmo e sobre suas figurações, movimento que já vinha crescendo em sua obra. Consciente disso, o sentido de tal procedimento, doravante, também parece perpassar a produção de um olhar a serviço do pensamento analítico à volta da enfermidade que agora se coloca.

O que se oferece aos leitores, sem maiores disfarces, não é uma vítima sentimental atingida pela enfermidade, senão um arguto detetive impulsionado para o estudo atencioso de sua deterioração e de uma existência que se afunila. Tendo dinamitado o apelo à complacência melancólica e à meditação dramática, resta ao poeta, afinal, a desconfiança e o questionamento obstinados da “dúvida metódica”, posta em funcionamento como um radar que se põe a reconhecer os objetos à sua volta. Quando sua realidade estável é problematizada pelas ameaças com que se defronta, este eu lírico intenta manter a consciência constante de que o chão sobre o qual vive não está em repouso, mas é incessantemente desestruturado e transformado pelos estremecimentos resultantes da doença.

Tudo isso dá a medida do modo denso de expressão do poeta, quando colocado cara a cara com o declínio vital, capaz de um olhar singularizado sobre tal vivência. “Assim se compõe uma poesia de cunho ao mesmo tempo intelectual — em diálogo com mentes e questões — e sensível — imersa na delícia/tontura dos sentidos” (2015, p. 472), pondera Luiz Costa Lima, referindo-se, na orelha de *A uma incógnita*, à conservação de um vínculo articulado (e nem por isso menos tenso) entre ponderações objetivas e registros de cismas, sofrimentos e dores, ambos movimentos complementares que se desenrolam no íntimo do eu lírico. A doença em Uchoa Leite, mesmo em seus instantes iniciais, existe já sob o signo da objetividade, que não se engana com mistificações, ilusões de sublime ou sentimentalismos. No geral, dessacralizar é a norma; seu desafio seria projetar na linguagem antimetafórica, irônica e coloquial o carregamento de angústia e de fragilidade a ele imposto.

Quem se debruça sobre essa obra constata logo o quão atuante é a poética desconfiada, de vigilância sem descanso, que faz aflorar uma maneira particular de examinar e de questionar as circunstâncias extremadas da doença e os seus efeitos no corpo e na consciência. Do poema “A ficção morte”, extraímos um exemplo significativo para a percepção desse olhar de espreita em processo de ruminação crítica diante do instante terminal:

Penso em meu pequeno fim
Ouvirei zumbidos?

Sugado pela zona de vácuo?
Ou zero-corpo
Polidimensional
Subindo ao teto
Espionando-me de cima
Os outros em torno
Vozes mentalmente exaladas
Dizem ouvir-se um trinado
Muito alto
Sem zumbidos
Mas aí adeus
Morro de susto outra vez
Dentro da morte
(2015, p. 287)

Nota-se, uma vez mais, a operação do eu auto-investigante que, defrontado com a expectativa da morte em um quarto de hospital, acaba por promover uma sequência de indagações. Valendo-se de uma engenhosa montagem de versos que se assemelham a flashes ou takes cinematográficos, reflexos projetados pelo corte elíptico, quase em suspensão, guardando analogia possível com certa fragmentação desse corpo sempre por vários fios, o discurso exposto parece ser um atestado de sua conduta especulativa: sucedem-se a imaginação de zumbidos, a ideia de um corpo sugado e a percepção de uma matéria “polidimensional”, esvaziada até o limite. Uma vez subtraído de sua dimensão física, o doente, conforme anotação de Paulo Andrade, “se desloca do centro irradiador da enunciação para a margem, onde (...) relata episódios relacionados à sua própria existência” (2014, p. 116), isto é, pensa-se exteriorizado, vê de cima, em plano alto, espionando a si mesmo e a sua quase morte na mesma medida em que percebe vozes alheias, indivíduos ao redor talvez a zelar pelo sujeito.

Num lance de reversibilidade da visão, essa espécie de *voyeur* de si próprio registra seu olhar mediante o remoer-se da reflexão sobre a doença, a qual se reveste de uma advertência da vida que se desfaz. Da gravitação do corpo ameaçado em torno da expectativa da morte, é possível extrair o modo de ser de uma voz poética investida até as entranhas no processo de investigação de sua morte, fenômeno que, como constata Franklin Alves Dassie, nunca se completa, “uma vez que o *pequeno fim* é sempre suspenso, interrompido de alguma forma (...)” (2010, p. 82, grifos do autor). Existe, aqui, um movimento de troca entre interior e exterior provocado por um

ser frágil, em que a saída de si sinaliza, insisto, a repetida observação crítica de sua condição enferma e do escoamento vital.

A mão que escreve se coloca como alguém que, no dizer de Davi Arrigucci Jr, “ao invés de exprimir-se, prefere a mera observação ou o registro do olhar, sem temer, dentro ou fora, cantos escuros e esquisitices, mas sem se mostrar, preferindo velar-se” (2010, p. 72-73). O eu lírico, se evoca uma saída de si mesmo, um deslocamento de sua própria interioridade, consegue igualmente aproximar nosso olhar de seu estado e de suas preocupações íntimas, de sua condição degradada e aflitiva que, à primeira vista, aparenta-se oculta. Há parentesco com o *flâneur* de Baudelaire, andarilho cuja visão desloca-se por toda parte, ainda que o olhar de Uchoa Leite seja traduzido sobretudo pelo procedimento de desdramatização da experiência angustiosa da doença. E se compromete com elocubrações sobre a vida e a morte sem, no entanto, pressupor balanços profundos, alumbramentos sentimentais ou abordagens de caráter transcendente. Em poucas palavras: a interiorização da doença e da falta de saídas, neste ponto, manifesta-se intensa, mas sempre enredada numa autoavaliação crítica, puxada pelo corpo frágil do sujeito-doente ao rés do chão.

Outro matiz tinge essa voz em declínio: a constatação de que aspectos da vida empírica contaminam o território do poema. Ao se voltar para a experiência patológica, em atitude reflexiva, interroga-se também sobre a incorporação de elementos biográficos, os quais, como veremos, comparecem inúmeras vezes. Em entrevista à revista *34 Letras*, quando perguntado sobre a possibilidade de relacionar sua produção à de autores como Régis Bonvicino e Paulo Leminski, Uchoa Leite defende que eles buscavam ligar “esse signo poético, da criação, a outro signo que era a própria vida deles. Eu nunca tive essa pretensão simplesmente porque eu acho a minha vida ultra desinteressante, não vai interessar a ninguém” (2014, p. 231). Entretanto, por via da interiorização poética da doença, da passagem do corpo físico à experiência ficcional, a encenação de dados biográficos salta à vista dos leitores em seus últimos livros. Questiona-se, portanto, de que maneira os mecanismos e os procedimentos utilizados pelo escritor formalizam a transposição de uma vivência íntima para o âmbito ficcional.

Seguindo os apontamentos do ensaísta francês Dominique Combe acerca da gênese da noção de “sujeito lírico” e das interações entre literatura e biografia ao longo do tempo, podemos inferir a tendência a algum tipo de apoio mútuo (mesmo que tenso) entre verdade e ficção no campo poético. Daí, na percepção de Combe, a necessidade de

relativizar a polaridade estabelecida pela crítica entre sujeito ‘empírico’ e sujeito ‘lírico’, entre autobiografia e ficção, entre a ‘verdade’ e a ‘poesia’, não

somente porque todo discurso referencial comporta fatalmente uma parte de invenção ou de imaginação que alude à ‘ficção’, mas também porque toda ficção remete a estratos autobiográficos, de modo que a crítica não tem como verificar a exatidão dos fatos e acontecimentos evocados no texto autobiográfico ou na ‘poesia de circunstância’ e, assim, avaliar seu grau de ‘ficcionalidade’ (2010, p. 123-124).

A poesia de Uchoa Leite, neste instante, move-se entre dois confins: a matéria pessoal e biográfica e o trabalho transfigurador com a linguagem. Mantém-se, por todos os seus últimos livros, essa imagem recorrente de jogo relacionada à poesia, atrás mencionada, insisto, como um dos nós estruturantes das concepções de Dominique Combe sobre a configuração do sujeito lírico. Desse ângulo, a infiltração do elemento vivencial no decorrer da produção do pernambucano, conforme apontou precisamente Davi Arrigucci Jr., parece ser repassada por um “enredo vazado, difuso, cujos fios se perdem a todo instante” (2010, p. 76), referindo-se à presença de dados biográficos de modo transfigurado e problematizado. No caso específico da doença, poderíamos tratar de uma corrosão do corpo que se deixa entrever como ficcionalização imprecisa e irônica, contrária à complacência autocentrada, seja pelas alusões lacunares, seja pelas memórias súbitas, em geral interrompidas e intercaladas, seja, também, pela transformação de familiares e de outros indivíduos em participantes de sua poesia.

Na série “Incertezas”, de *A ficção vida*, o foco concentra-se na evocação marcadamente biográfica de episódios e de situações hospitalares, com jeito de micronarrativas ou de lembranças fragmentárias, a exemplo do percurso até o hospital, das cenas de internação e de recuperação e das visitas de familiares. Ao lado dos elementos retirados da realidade empírica, logo somos conduzidos ao fazer poético irônico e desdramatizado que, desde logo, perfurava seus versos. Um poema como “Certa luz” revela muito da fisionomia particular e sarcástica adquirida nos momentos de figuração da enfermidade em Uchoa Leite:

Ela inclinou-se junto a mim
-Todo em fios -
E disse: “O que o salvou
Foi uma luz
Dentro de você”.
Touché! Sorri pérfido
“Desconfio dessa luz”
Com a língua bífida
(2015, p. 294)

A experiência-limite do doente “todo em fios” já se dá a ver, aqui, pela persistência incômoda da enfermidade e de um corpo em deterioração. Paira uma voz que se afigura grifada pelo humor e pela ironia cortantes desse sorriso “pérfido” e desconfiado. Em face da formulação convencional e tranquilizadora, enunciada talvez por algum familiar em visita (“O que o salvou/ Foi uma luz/ Dentro de você”), há mesmo um sujeito de língua e atitudes ofídicas que parece encarar e perscrutar, ainda que pela ótica antisentimental e de teor corrosivo, as agruras da doença. Nesse sentido, o repique sonoro da rima entre “pérfido” e “bífido”, recurso estilístico candente, faz-se audível no poema como injeção de uma acidez mordaz e autoderrisiva, de tal modo que a galhofa com o tratamento melancólico da enfermidade comparece uma vez mais como tônica de sua dicção poética.

Sinaliza-se, além disso, a condição luciferina, iluminadora, desse sujeito que busca, por entre versos balizados pela ironia e pela precisão do corte, o espaço do autoexame e da observação lúcida. Nesse contexto, aventamos a concepção de que, como a serpente que morde a própria cauda, o doente de Uchoa Leite carrega em sua embocadura a inquietação, a suspeita e a perplexidade daquele que, voltado à reflexão sobre si e sobre seu estado, promove uma espreguiçada constante de suas sensações e recordações, de seu corpo em decomposição.

Como sublinhamos, à medida que se amplia o arsenal de referências a acontecimentos biográficos, há a possibilidade de distinguir em seus versos até mesmo a presença de indivíduos relacionados ao poeta, os quais passam a ser redimensionadas para o interior do espaço poético, distinguindo-se das figuras empíricas na exata medida em que se apresentam a nós de modo oblíquo, difuso. Para além da incorporação da voz externa, verificada em “Certa luz”, esse mesmo gesto será remetido e retrabalhado noutros poemas. Impõe-se, por exemplo, a transcrição de “As irmãs”:

Indagou se eu a reconhecia
Que era sério
Concluí breve
Vieram do Recife as duas
Uma é sólida
Transmite matéria densa
A outra é insólida
Escala nuvens etéreas
A terceira é uma faísca
Elétrica. Vivo
“na macia atmosfera

do mundo da mulher”
(2015, p. 297)

Também esse poema exprime um episódio decorrente do adoecimento e da internação hospitalar, mas despenha-se sobretudo na recuperação da imagem e do comportamento distintos das três irmãs em visita ao poeta. Não é rememoração da experiência vivida *tout court*; também participam do poema as transfigurações e as caracterizações sinuosas. Observe-se o início abrupto, que imprime certa estranheza ao poema: diante do questionamento de uma das irmãs acerca de suas capacidades e de sua saúde, o sujeito coloca-se como alguém que, em linhas breves, passa a relatar a individualidade de seus familiares, feitos de memória e de afeto, mas também de contornos e de modificações poéticas.

Uma vez absorvidas para o texto, as figuras, num olhar mais aproximado, entram no intrincado jogo de ficcionalização poética e vêm em forma de descrições incomuns. Enquanto a primeira irmã é racional, alerta e cautelosa (“Uma é sólida/ Transmite matéria densa”), a segunda é dita como “insólita”, distraída em suas “nuvens etéreas”, e a terceira, movida por entusiasmo e por disposição, aparece como “uma faísca/ Elétrica”. Se é possível seguir o rastro das personas empíricas, é para esbarrar logo em seguida em suas refigurações, em seus disfarces, recuperando-as na sua condição de matéria remodelada pelo fazer poético. Os lances seguintes do texto terminam por sinalizar a promessa de recuperação do eu lírico, não somente por determinada gradação de emoções nos traços das irmãs (racionalidade, distração e, afinal, energia, vivacidade), como também pela introdução do tenro universo do feminino, como conclui adiante: “(...) Vivo/ ‘Na macia atmosfera/ do mundo da mulher’”. Se a aliteração da nasal, à primeira vista, teria o efeito de acentuar a suposta maciez feminina, tal recurso manifesta-se, na verdade, como mais uma das ironias de Uchoa Leite, na medida em que essa aparente qualidade é, afinal, contrariada ao observar-se a descrição das três irmãs.

Defendemos que esses poemas não são um retrato puramente autobiográfico das situações vivenciadas por Sebastião. Pelo contrário, extrapolam os dados da realidade para deixar aflorar as nuances de sua habilidade lírica, através da construção de um vínculo tensivo entre biografia e criação, aspectos que chocam ao surgir lado a lado no verso. O exercício poético de Uchoa Leite, portanto, contém um permanente desafio ao leitor, que precisa estar atento, sobretudo, aos pontos de articulação recorrentes e fundamentais: ironia, recorte humorístico, vontade de uma poesia reflexiva, de investigação crítica de si e de seu estado.

O gosto pelo coloquial e pela ironia predomina; o clima pesado comparece revestido de piada e de referências intertextuais, no momento

em que a poesia alia ao mal-estar a verve satírica e a nota humorística. Não à toa, aliás, a multiplicidade e a ambivalência de tons — entre o angustioso e o bem-humorado, por exemplo — seriam reforçadas por muitos dos estudos sobre a obra de Sebastião Uchoa Leite. Na expressão de Davi Arrigucci Jr, “o espírito lúdico, irônico, paródico, permite que vá da reflexão à irrisão ferina, da gravidade ao humor negro, do registro seco ao riso escrachado, modulando um equilíbrio instável de humores entre a alma e o corpo, o coração e as tripas” (2010, p. 75). Com os pulsos atados na cama do hospital, o sujeito é posto à prova em face do andamento persistente da doença, mas o enquadramento poético de sua condição se faz no sentido de romper a autocomiseração e a dicção puramente lamentosa e, como consequência, adentrar o campo de batalha contra o avanço da enfermidade em posição de ataque, armado de um riso cáustico de escárnio.

Referências:

- ANDRADE, Paulo. “O olhar crí(p)tico na poesia de Sebastião Uchoa Leite”. In: GUIMARÃES, Julio Castañón & SÜSSEKIND, Flora (orgs.). *Sobre Sebastião Uchoa Leite*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.
- ARRIGUCCI JR, Davi. *O guardador de segredos: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOSI, Viviana. *Poesia em risco: itinerários para aportar nos anos 1970 e além*. São Paulo: Editora 34, 2021.
- COMBE, Dominique. “A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia”. In: *Revista USP*, n. 84, dez/jan/fev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- DASSIE, Franklin Alves. *Sebastião Uchoa Leite*. Coleção Ciranda da Poesia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- DASSIE, Franklin Alves. *Cenas e cenários da doença na literatura*. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.
- FROSCH, Friedrich. “Promeneur engagé por entre mundos textuais: Sebastião Uchoa Leite, interlocutor da Weltliteratur e da cultura da aldeia global”. In: GUIMARÃES, Julio Castañón & SÜSSEKIND, Flora (orgs.). *Sobre Sebastião Uchoa Leite*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEITE, Sebastião Uchoa. *Poesia completa*. Cosac Naify: São Paulo, 2015.

MACHADO, Duda. “Antilfrica, incógnita, vertigem”. In: GUIMARÃES, Julio Castañon & SÜSSEKIND, Flora (orgs.). *Sobre Sebastião Uchoa Leite*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

SHAKESPEARE, William. *The Tempest*. New York: Washington Square Press, 1961.

SHAKESPEARE, William *A tempestade*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

SÜSSEKIND, Flora. “Seis poetas e alguns comentários”. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Leonardo Leal. Mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com estudo financiado pela FAPESP sobre os diálogos entre poesia e crítica na produção de Sebastião Uchoa Leite. Formado em Letras (Português e Russo) pela Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre os diálogos programáticos e poéticos entre o futurismo russo e o concretismo brasileiro.

E-mail: leonardolealm2@gmail.com

Declaração de Autoria

Leonardo Leal, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Conceição do projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 17/08/2025

Aceito em: 05/10/2025